

MISSÃO INTEGRAL EM SETE PALAVRAS

INTEGRAL MISSION IN SEVEN WORDS

*Prof. Dr. Érico Tadeu Xavier**
*Prof. Ms. Isaac Malheiros***

Resumo

A missão integral da Igreja é cumprida à medida que a Igreja se conforma com as distintas dimensões que constituem a sua vida e atividade missionária. Essas dimensões podem ser resumidas nas palavras gregas, encontradas no Novo Testamento, e analisadas neste artigo, através de uma pesquisa exegética e bibliográfica, a fim de esclarecer a sua importância na Igreja moderna. Neste escrito, serão utilizadas como referência as sete palavras gregas frequentemente empregadas no Novo Testamento para descrever a vida e a atividade missionária da igreja: a) a Igreja testemunha (μαρτυρέω); b) a Igreja adora (λειτουργέω); c) a Igreja pastoreia (ποιμαίνω); d) a Igreja serve (διακονέω); e) a Igreja compartilha (κοινωνέω); f) a Igreja ensina (διδάσκω); g) a Igreja proclama (κηρύσσω).

Palavras-chave

Missão integral. Igreja. Teologia prática. Novo Testamento.

Abstract

The integral mission of the Church is fulfilled as the Church conforms itself to the different dimensions that constitute its life and missionary activity. These dimensions can be summarized in the Greek words found in the New Testament, and analyzed in this article, through an exegetical and bibliographical research, in order to clarify their importance in the contemporary Church. In this article, will be used as a reference the seven Greek words most frequently used in the New Testament to describe the life and missionary activity of the Church. The Church: a) witnesses (μαρτυρέω); b) adores (λειτουργέω); c) shepherds (ποιμαίνω); d) serves (διακονέω); e) shares (κοινωνέω); f) teaches (διδάσκω); g) proclaims (κηρύσσω).

Keywords

Integral mission. Church. Practical Theology. New Testament.

Introdução

A Igreja cumpre sua missão integral mediante a conformação com variadas dimensões que constituem uma mesma e única dinâmica. Essas dimensões podem ser resumidas em sete palavras gregas, encontradas no Novo Testamento, e dispostas aqui com o intuito de esclarecer a sua importância na Igreja moderna.

No Novo Testamento, há várias características da Igreja, mas este escrito não abordará todas elas. O foco aqui está nas características diretamente relacionadas ao aspecto missionário da Igreja. Alguns autores identificam várias quantidades de características.¹ No ensaio ora relatado, serão utilizadas como referência as sete palavras gregas frequentemente utilizadas no Novo Testamento para descrever a vida e a atividade missionária da igreja.

O Novo Testamento expressa uma Igreja que: a) *testemunha*, vivendo de acordo com a sua fé (μαρτυρέω); b) *adora*, vive uma vida de adoração a Deus (λειτουργέω); c) *pastoreia* o povo (ποιμαίνω); d) *serve* amoravelmente a quem precisa (διακονέω); e) *compartilha*, vive em comunhão espiritual e material (κοινωνέω); f) *ensina*, transmite e segue a Palavra de Deus (διδάσκω); g) *proclama* o evangelho (κηρύσσω).

A Igreja testemunha (μαρτυρέω)

“Sereis minhas testemunhas [μάρτυρες], tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra”. (At 1:8).

O substantivo μαρτυρία (ου μαρτύριον) significa “testemunho, testificação, fazer declarações como testemunha”. (BROWN, 1983, p. 610). O verbo μαρτυρέω aparece em 76 ocorrências no Novo Testamento, servindo para conduzir as pessoas a crer em Jesus (Jo 1:7; 3:22-33; 19:35), dar testemunho de Cristo e da verdade (Jo 5:36-37; 18:37), e comissionar os discípulos (Jo 15:27).

¹ Por exemplo, Orlando Costas (1994) define a missão da Igreja como bidimensional, bidirecional e quadridimensional. O termo *bidimensional* relaciona-se às dimensões espirituais e sócio-históricas da Igreja. O *bidirecional* refere-se à edificação interna dos membros e ao preparo e envio da igreja ao mundo. Finalmente, o crescimento da Igreja deve ser *quadridimensional*: numérico, orgânico, conceitual e diaconal. Calvacanti (2000, p. 17 e 18) identifica cinco dimensões na missão da igreja: 1) *Koinônica*: a comunhão dos santos; 2) *Didática*: a aprendizagem cognitiva e existencial do conteúdo da revelação; 3) *Diaconal*: o amor prático, a solidariedade, e as obras de misericórdia; 4) *Kerigmática*: a proclamação do evangelho do Reino; 5) *Profética*: a defesa da vida e a denúncia da opressão.

O conceito de ser testemunha é revelado por Lucas em Atos, no sentido também de atestação humana de boa conduta, daqueles que cuidavam dos necessitados (At 10:22) ou do bom nome de alguém (At 6:3).

A ideia do testemunho ligado ao martírio aparece em Ap 6:9 e 17:6, devendo os cristãos testemunhar de Jesus diante de tribunais e da morte. A expressão testemunhar denota a confirmação de um fato ou evento. No contexto do judaísmo, o testemunho da fé implicava sofrimento, até o ponto da morte, e esse sofrimento era tido em alta estima.

Ainda em Ap 17:6, são chamados de testemunhas (μάρτυρες) todos os santos (ἅγιοι), que se tornam literalmente mártires. A μαρτυρία permite que aquele tocado pelo testemunho de Jesus compartilhe não apenas da fé, mas também do sofrimento e perseguição de Cristo.

Assim sendo, ser testemunha não é apenas relatar uma experiência, mas também, apresentar a Cristo, a “testemunha fiel” (ὁ μάρτυς ὁ πιστός), pregar o Evangelho tal como Cristo o indicou (Mt 10:18), dando um testemunho missionário (1Co 15:15; 2Ts 1:10; 2Tm 2:2). A Igreja deve dar testemunho de quem Jesus Cristo é, de suas afirmações e de seu senhorio, numa dimensão evangelizadora, mesmo em possibilidade de martírio.

O poder do testemunho de uma vida obediente é descrito assim por Ellen White (1985. p. 200):

A fé opera por amor, e purifica a alma, e com a fé haverá correspondente obediência, um fiel executar das palavras de Cristo. O cristianismo é sempre intensamente prático, adaptando-se a todas as circunstâncias da vida real. “Vós sois as Minhas testemunhas”. Para com quem? - Para com o mundo; pois deveis levar convosco, aonde quer que fordes, uma santa influência. Cristo vos deve habitar na alma, e cumpre-vos falar a Seu respeito e manifestar os encantos de Seu caráter.

A Igreja adora (λειτουργέω)

“E, servindo [λειτουργέω] eles ao Senhor [...]”(At 13:2).

As palavras da família λειτουργ- denotam, em sua origem greco-romana, vários tipos de serviços públicos ou cívicos, cultivos ou seculares. Os escritores do Novo Testamento usam essa terminologia para se referirem à responsabilidade cristã diante de Deus e da necessidade humana (GINGRICH, 1984, p. 125).

No Novo Testamento, o verbo λειτουργέω tem sentido amplo de “servir ao Senhor”, em At 13:2. Em Rm 15:27, o verbo λειτουργέω está relacionado ao cuidado material: “[...] se os gentios têm sido participantes

dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los [λειτουργέω] com bens materiais". Em Hb 10:11, o verbo λειτουργέω refere-se especificamente ao culto, "serviço sagrado" que o sacerdote exercia no santuário.

O substantivo λειτουργία é aplicado no Novo Testamento para descrever o ministério sacerdotal (Lc 1:23; Hb 8:6; 9:21), com vistas a designar a assistência social praticada pela igreja primitiva (2Co 9:12), em sentido ritual (Fp 2:17), e a fim de referir-se ao trabalho em favor de alguém (Fp 2:30). Em suma, de maneira geral, λειτουργία (e palavras da mesma raiz) é utilizada para designar o serviço, o desempenho de deveres religiosos ou uma celebração religiosa do povo.

Portanto, liturgia, mais do que uma formalidade sacerdotal profissional, é "serviço do povo". A Reforma Protestante restaurou o conceito do "sacerdócio de todos os crentes", que quebrou a ideia de que o clero fosse considerado uma elite espiritual, superior às pessoas leigas, detendo quase um monopólio das tarefas religiosas no culto público. Essa ideia também habilitou individualmente os crentes a deixarem de ser dependentes de uma autoridade centralizada (MCGRATH, 2007, p. 52-53). Assim, mesmo reconhecendo que diáconos, anciãos e ministros podem desempenhar um papel especial, a liturgia, em seu sentido mais amplo, é uma ação de toda a igreja.

Digno de destaque é o fato de que a igreja desempenha a liturgia a Deus não somente por meio de atos formais de adoração, mas mediante também de uma vida de serviço a Deus e às pessoas. Na liturgia da igreja, os crentes não são espectadores passivos, mas participantes ativos de uma celebração que recapitula a história da salvação e antecipa a *parousia*.

No contexto do igreja primitiva, a prática litúrgica dos primeiros discípulos de Jesus tinha como modelo a prática litúrgica da sinagoga judaica, realizada nas reuniões no Templo em Jerusalém (Lc 24:53; At 3:1) e em casas (At 2:46). A liturgia era composta de orações, cânticos, leitura e comentário da *Tanach* (Bíblia hebraica) com foco hermenêutico cristocêntrico e cristológico, e o "partir do pão" (At 2:46; 20:7), refeição que relembra o sacrifício de Jesus na cruz. Reuniam-se em espírito de unanimidade, prestando culto diário no templo e nas casas, partindo juntamente o pão num espírito de gozo intenso e sincero.

Desse modo, praticavam a evangelização por meio do testemunho formal e informal, participando dos cultos do templo e de reuniões mais espontâneas nos lares. O procedimento litúrgico era alegre, mas reverente, com temor, sendo cada culto de adoração uma alegre celebração dos atos

divinos por intermédio de Jesus Cristo. John Stott (1990, p. 91) comenta que a reverência e a alegria não se excluem, ao contrário, “[...] a combinação entre alegria e temor, bem como de formalidade e informalidade, dá um equilíbrio saudável à adoração”. A prática litúrgica indica que a Igreja, ao se reunir na presença de Deus, antecipa o futuro e reflete a teologia que pratica, recapitulando a história da salvação e antecipando a vinda de Cristo, quando, novamente, Ele se reunirá com Seus discípulos (Mt 26:29).

A Igreja pastoreia (ποιμαίνω)

O verbo ποιμαίνω tem o sentido de pastorear, guiar e cuidar. É utilizado no Novo Testamento para descrever a atuação do Messias como pastor de Israel (Mt 2:6- cf. Ap 2:27; 7:17; 12:5; 19:15), e “pastoreia as minhas ovelhas” (Jo 21:16) foi a ordem dada por Jesus ao apóstolo Pedro. No livro de Atos, Paulo ordenou aos presbíteros de Éfeso: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes [ποιμαίνω] a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”. (At 20:28).

Pedro também ordena aos presbíteros da igreja: “[...] pastoreai [ποιμαίνω] o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade”. (1Pe 5:2). O substantivo ποιμήν refere-se a pastores, e consta na lista de dons espirituais necessários à edificação da igreja: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores [ποιμένεσ] e mestres”. (Ef 4:11).

O apóstolo Paulo define o papel pastoral em termos de “ensinar”, formar pessoas e acompanhar a toda a congregação no crescimento individual e comunitário (Ef 4:12-16). O Apóstolo se inclui no processo, reconhecendo que também está crescendo juntamente com a congregação (v. 15), e afirma que todos devem alcançar a unidade da fé, do conhecimento de Cristo e a maturidade, atingindo a plenitude de Cristo (v. 13).

Pedro recomenda que os pastores não sejam “[...] dominadores dos que vos foram confiados”, mas “modelos do rebanho”(1Pe 5:3).²O papel pastoral, portanto, é de caminhar junto com a Igreja, ensinando, ajudando, guiando, como líderes-servos, colocando-se ao lado das pessoas.

² Curiosamente, esse texto usa a palavra κληρος para se referir ao rebanho. É um erro histórico e até linguístico referir-se à classe sacerdotal como sendo o “clero”. Em sentido estrito, toda a igreja é o clero, e não há aqui uma divisão entre clero e leigos.

Por sua vez, a Igreja deve ser uma comunidade de acolhida e de cuidado, mútua e reciprocamente exercidos, como descreve Cl 3:16: “[...] instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria [...]”. Desse modo, a ação pastoral não cabe apenas ao pastor, mas a toda a Igreja, que deve demonstrar preocupação e atenção uns para com os outros, dirimindo conflitos e cumprindo a missão de Cristo, de conduzir as ovelhas pela porta. O pastor, como líder, e a Igreja, como comunidade, têm semelhante responsabilidade de cuidado pastoral para com os membros.

A Igreja serve (διακονέω)

“[...]pois servistes e ainda servis [διακονέω] aos santos”. (Hb 6:10).

A palavra “diácono” vem do grego διάκονος, e designa um servo, um servidor, sendo traduzida no Novo Testamento por ministro, ou o que presta um serviço a quem precisa.

No Novo Testamento, o verbo διακονέω refere-se ao serviço dos anjos (Mt 4:11), à atuação de Jesus em favor da humanidade (Mt 20:28; cf. Lc 22:27), a qualquer serviço em favor de alguém (Mc 1:31; 15:41; Lc 8:3; Lc 10:40), ao serviço social da igreja (At 6:2). Jesus estabeleceu o serviço como uma das principais características de seus seguidores: “[...] o maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve [διακονέω]”. (Lc22:26).

Timóteo e Erasto, duas figuras importantes na igreja primitiva, são apresentados servindo [διακονέω] ao apóstolo Paulo em suas viagens (At 19:22). Onesiforo também é elogiado por ter servido [διακονέω] a Paulo em Éfeso (2Tm 1:18). O próprio apóstolo Paulo define sua atuação apostólica como “[...] a serviço [διακονέω] dos santos” (Rm 15:25). E, em Hebreus, a igreja é coletivamente elogiada por sua atuação diaconal:

Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes [διακονέω] e ainda servis [διακονέω] aos santos. (Hb 6:10).

Curiosamente, a atuação dos profetas do Antigo Testamento também é designada pelo ofício diaconal:

A eles [os profetas] foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam [διακονέω] as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar”. (1Pe 1:12).

A ministração fiel dos oráculos de Deus é uma modalidade de

serviço diaconal, é a diaconia da Palavra.

Esse aspecto fica evidente quando a igreja instituiu formalmente o diaconato. Após a escolha de Estêvão para o trabalho de servir às mesas, o relato o apresenta pregando publicamente (At 6:8-7:53). Epafras também era um “diácono de Cristo”, mas pregou aos colossenses “[...] fostes instruídos por Epafras”. (Cl 1:7). A diaconia da Palavra também é “servir às mesas”, é oferecer o pão que alimenta e salva (KITTEL, 1974, p. 88).

O diaconato foi criado sob a direção do Espírito Santo, sendo relatado em Atos 6:1-8 que a escolha dos diáconos foi designada para atender ao serviço da igreja. Ellen White (2001, p. 89) comenta que a designação dos primeiros diáconos mostrou-se uma bênção para a Igreja, pois eles cuidavam das necessidades individuais e dos interesses gerais da Igreja, tanto do aspecto financeiro quanto do social. O piedoso exemplo dos diáconos serviu como auxílio para a unidade e os interesses da Igreja, sendo chamado, por isso, de “ministério da misericórdia”.

Os candidatos ao diaconato deveriam expressar qualidades específicas, e também deveriam ser experimentados antes de exercerem o diaconato (1Tm 3:8-10). O diaconato teve como modelo o próprio Jesus que, segundo Mc 10:45, “[...] não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Os evangelhos o descrevem curando enfermos (Mt 4:23), alimentando famintos (Lc 9:10-17) e libertando endemoninhados (Mc 1:39). O ofício diaconal deriva de Jesus e do evangelho, tendo encontrado sua expressão máxima no Calvário.

Em Mt 25:31-46, Jesus aponta para o serviço prestado aos que precisam de água, comida, roupas, carinho e atenção como critérios no grande julgamento. O apóstolo Pedro afirmou: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele”. (At 10:38). Logo, Jesus é o diácono por excelência, e modelo para a ação diaconal dos cristãos, a qual deve ser exercida por todos, pois caracteriza a ação cristã (Gl 6:9; 1Tm 6:17-19; Tg 4:17; 1Pe 2:15, 20).

A missão da igreja passa pela sua vocação diaconal, que é exercida por todo o corpo de Cristo: “Servi [διακονέω] uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus”. (1Pe 4:10, cf. 4:11). E o Novo Testamento vincula a diaconia à liturgia: a “[...] administração do serviço” (ἡ διακονία τῆς λειτουργίας; 2Co 9:12).

A saúde espiritual do cristão depende do seu desprendimento para servir: “Quem com amor a Deus e ao próximo, se esforça por ajudar outros, é que se torna firme, forte, estável na verdade. O verdadeiro cristão trabalha para Deus, não por impulso, mas por princípio; não um dia ou um mês, mas toda a vida”. (WHITE, 1993, p. 84).

A Igreja compartilha (κοινωνέω)

“E perseveravam [...] na comunhão [κοινωνία], [...] e tinham tudo em comum [κοινός]” (At 2:42, 44).

O verbo κοινωνέω designa o compartilhamento, a posse comum (Rm 12:13). O substantivo κοινωνία significa comunhão, dando a ideia de comunidade, compartilhamento. Era “[...] um termo empregado para significar a comunhão evidente e ininterrupta entre os deuses e os homens”, ou, também, “a estreita união e laços fraternais entre os homens”. (BROWN, 1983, p. 457). Tem, assim, o sentido de fraternidade.

No contexto cristão, indica um grupo de pessoas que creem em Jesus Cristo como Salvador e Senhor de suas vidas, compartilhando a mesma fé e igual mensagem cristã. Visa ao compartilhamento de experiências, à criação de laços de convivência, à ajuda mútua e humanitária.

O Novo Testamento exprime o conceito de κοινωνία vinculado à diaconia: é a *koinonia* do serviço (τὴν κοινωνίαν τῆς διακονίας; 2Co 8:4), sendo a *koinonia* uma das evidências da *diaconia*:

“[...] visto como, na prova desta ministração [διακονίας], glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade com que contribuíis [κοινωνία] para eles e para todos”. (2Co 9:13).

A prática da κοινωνία é comparada ao sacrifício de um ritual de adoração: “Não negligencieis, igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação [κοινωνία]; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz”. (Hb 13:16). A κοινωνία também é um indicativo da saúde espiritual da igreja: “[Se] andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão [κοινωνία] uns com os outros”. (1Jo 1:7). Assim, a igreja primitiva via um sentido profundamente espiritual (além do aspecto social) na comunhão entre as pessoas.

O Novo Testamento também utiliza o adjetivo κοινός para descrever esse aspecto comunal da vida da igreja. O aspecto comunitário do cristianismo é explicitado no fato de a fé cristã ser chamada de “fé comum [κοινός]” (Tt 1:4) e de “[...] nossa salvação comum [κοινός]”. (Jd 3).

Os primeiros discípulos viviam em comunhão, comendo juntos e compartilhando seus bens e necessidades, com espírito de generosidade e bondade (At 2:4). Isso alterou até mesmo a maneira de os primeiros cristãos falarem de seus bens materiais: “[...] ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns [κοινός]”. (At 4:32).

A prática da κοινωμία leva os cristãos a amarem uns aos outros, a viverem unidos, a existirem de modo comunitário e fraterno (Sl 133:1; Jo 13:35; At 2:42-47; 4:32-35). A comunhão se evidencia nos momentos alegres (Rm 12:15) mas também nos instantes de tristeza (Rm 12:56) e dificuldades (At 4:34-35; cf. 1Pe 4:13). Quando se vive em comunhão, o testemunho da Igreja adquire credibilidade e força para cumprir seu propósito na Terra.

A κοινωμία tem como consequência o ímpeto missionário, o desejo de compartilhar também os tesouros espirituais:

Deus requer que Seu povo brilhe como luzes no mundo. Não é somente dos ministros que isso se exige, mas de todo o discípulo de Cristo. Sua conversação deve ser celestial. E ao passo que desfrutaram comunhão com Deus, desejarão comunicar-se com seus semelhantes, a fim de exprimir, por palavras e atos, o amor de Deus que lhes anima o coração. Por essa maneira serão luzes no mundo, e a luz transmitida por meio deles não se extinguirá, nem lhes será tirada. (WHITE, 1981, p. 20).

A Igreja ensina (διδάσκω)

“E perseveravam na doutrina [διδάχη] dos apóstolos”. (At 2:42).

O termo διδάσκω significa ensinar, instruir, e é empregado no Novo Testamento por 97 vezes. Ensinar é o outro lado da moeda da prática cristã: em Atos, o ministério de Jesus é dividido entre o que ele fazia e o que ele ensinava [διδάσκω] (At 1:1). A igreja primitiva se dedicava bastante ao ensino (At 4:2,18; 5:21, 25, 28, 42; 11:26; 15:1, 35; 18:11, 25; 20:20; 21:21, 28; 28:31). E o ensino tinha um caráter evangelizador: em At 4:2, διδάσκω está vinculado ao termo καταγγέλλω, que significa pregar, proclamar; e, em At 15:35, vem junto ao vocábulo εὐαγγελίζω, com o mesmo significado.

O substantivo διδάχη refere-se, especificamente, à doutrina ensinada pela igreja primitiva. Por sua vez, o substantivo διδασκαλία refere-se tanto ao ato de ensinar (o “ensino”; por ex., Rm 12:7) quanto ao conteúdo do que é ensinado (a “doutrina”; Ef 4:14; Cl 2:2; 1Tm 4:6; 2Tm 4:3; Tt 1:9; 2:1, 10).

O vínculo entre o ensino e a pregação evidencia que ensinar, pregar e exortar os homens são ações resultantes da διδασκαλία - indicando uma

prévia compreensão, uma aprendizagem da doutrina pura e uma conservação daquilo que será transmitido. Com efeito, não há pregação sem ensino, e não há ensino sem pregação.

A perseverança na doutrina dos apóstolos é uma característica da igreja primitiva (At 2:42) e também é requerida dos cristãos que professam seguir a verdade. Conquanto o Espírito Santo tenha ensinado e conduzido os apóstolos, estes se tornaram os professores do povo, por palavras e exemplos, seguindo a orientação do Espírito ao instruir o povo. Paulo resume o conteúdo de sua pregação apostólica com a essência do Evangelho: “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”.(1Co 15:3-4).

Percebe-se que a “doutrina dos apóstolos” não era uma invenção humana, mas era “segundo as Escrituras”. A mensagem apostólica ancorava-se nas Escrituras, apresentando uma continuidade entre o que foi anunciado e o que foi realizado em Cristo. Os apóstolos, assim como o povo, submetiam-se à autoridade do Espírito Santo e às Suas instruções. A Igreja deve estar centrada no que a Bíblia ensina, perseverando na doutrina dos apóstolos.

A palavra διδᾶχη relaciona-se com a palavra “didática”, fato indicativo de que a ação doutrinária é a ação ensinadora da Igreja, que leva os membros a aprenderem sobre a Bíblia e a verdade, usando a razão e a inteligência. Orlando Costas (1994, p. 113) chama esse poder de ensinar da Igreja de “inteligência da fé”, inserida na dimensão conceitual de Igreja. É essa dimensão que possibilita ao cristão compreender sua existência, sua crença, seu mundo, pois abarca a esfera lógica e psicossocial da vida, permitindo uma fé crítica e também reverente, dando firmeza intelectual para enfrentar as variedades de doutrinas e manter-se firme, pelo estudo da Palavra e da oração. Segundo Ellen White (2004, p. 32), o estudo da Bíblia “é digno do melhor esforço mental, da mais santificada capacidade”.

Há um ministério especial de ensino relacionado aos dons espirituais (1Co 12:28; cf. Rm 12:7), mas ensinar e aconselhar uns aos outros é dever de todos (Cl 3:16; Rm 15:14; Hb 3:13; 10:24-25). Nos lares cristãos, há um ministério doméstico da Palavra: os pais devem criar seus filhos na instrução do Senhor (Ef 6:4). Os jovens são fortes quando a Palavra de Deus permanece neles (1Jo 2:14). Timóteo sabia as “sagradas letras” desde a infância, seguindo o exemplo de fé de sua avó Lóide e de sua mãe Eunice (2Tm 1:5; 3:15).

É uma tarefa de todos, não apenas de um clero especializado ou de

um magistério eclesiástico, perseverar na doutrina dos apóstolos. Dessa maneira, os cristãos devem estar preparados a explicar a razão de sua fé e de sua esperança (1Pe 3:15), tendo sua mente esclarecida e fortalecida mediante o estudo da Palavra de Deus e a perseverança na doutrina bíblica.

A Igreja, como um corpo, deve também prover aos membros individuais as ferramentas para que eles examinem a Bíblia por si mesmos. Segundo Ellen White (2004, p. 33), no estudo da Bíblia, os crentes “[...] não se devem satisfazer com o produto das pesquisas de outras mentes, mas devem investigar a verdade por si mesmos”.

A Igreja proclama o evangelho (κηρύσσω)

“Ide por todo o mundo e pregai [κηρύσσω] o evangelho a toda criatura”. (Mc 16:15).

De todas as facetas da dinâmica da Igreja, a mais conhecida é a da pregação do evangelho (Mt 28:19; Mc 16:15; Lc 24:45; At 1:8). Esse aspecto da missão da igreja é designado pelo verbo κηρύσσω, que significa proclamar, anunciar publicamente. O substantivo grego κήρυγμα significa “proclamação”, “mensagem”, “pregação”, e, no Novo Testamento, refere-se especialmente ao anúncio do evangelho (Mt 12:41; Lc 11:32; Rm 16,25; 1Co 1,21; 2,4; 15,14; 2Tm 4). O Novo Testamento também usa o verbo “evangelizar” (εὐαγγελίζω) para referir-se ao anúncio público das boas novas (Mt 11:5; Lc 4:43; At 13:32; Rm 15:20; 1Co 15:1; 2Co 10:16; Gl 1:11, 23; Hb 4:2, 6; 1Pe 1:12; Ap 14:6).

Desde os apóstolos, a expansão da fé cristã já alcançou praticamente todo o Planeta. O destaque ao κήρυγμα é dado desde João Batista (Mt 3:2), passando por Jesus (Lc 4:43) e estendendo-se aos apóstolos (At 2:37; 28:31). A mensagem anunciada pela igreja primitiva era absolutamente cristocêntrica, focada na pregação de Jesus como o Messias, o Cristo de Deus, que morreu na cruz por nossos pecados e ressuscitou ao terceiro dia (1 Co 15:3-4, 14), e que é o Senhor, para glória de Deus Pai. Esse é o grande centro kerigmático, da fé e identidade da igreja proclamadora.

O Novo Testamento afirma que o conteúdo de tal pregação “[...] é loucura para os que se perdem”. (1Co 1:18), mas “[...] aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação [κήρυγμα]”. (1Co 1:21). A pregação cristã não consiste em técnicas de comunicação, habilidades de oratória, em “linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder”. (1Co 2:4).

A proclamação também é uma atividade para toda a igreja, e não apenas para alguns. No Pentecostes, todos ficaram cheios do Espírito, e todos começaram a declarar “[...] as maravilhas de Deus”. (At 2:1-4, 11). Isso foi o cumprimento de Joel 2, onde há a promessa de que “toda a carne” receberia o Espírito, jovens e velhos, homens e mulheres, e até os servos (At 2:16-18).

Em Atos 4, todos levantaram a voz a Deus, e todos queriam anunciar a Palavra com intrepidez (At 4:24, 29). A resposta de Deus a esse clamor foi que “[...] todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus”. (At 4:31).

O desafio da proclamação foi dado a todos, não apenas a evangelistas profissionais. A Grande Comissão foi entregue à igreja, é um dever e privilégio para todos os cristãos, de todas as gerações. Por exemplo, foi a partir de todos os cristãos tessalonicenses que a Palavra do Senhor repercutiu por toda parte (1Ts 1:8-10). Somos todos “sacerdócio real”, chamados para proclamar “[...] as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. (1Pe 2:9). É tarefa de todos nós sermos “[...] sábios no procedimento para com os de fora; [aproveitando] ao máximo todas as oportunidades”. (Cl 4:5-6).

A pregação da Palavra não pode nem mesmo ficar restrita ao culto e ao púlpito (2Tm 4:2), ela pode acontecer de modo formal ou informal, em distintos contextos. A pregação deve acontecer desde o início da caminhada cristã. Um anônimo recém-chegado, que não era um dos doze discípulos, recebeu a ordem: “Tu, porém, vai e prega o reino de Deus”. (Lc 9:60). Foi a mesma ordem que Jesus deu para o gadareno recém-curado (Mc 5:19).

Declarar publicamente que Jesus é o Cristo pode ter consequências negativas (Jo 9:22); mas é dever de todos confessar com a boca Jesus Cristo como Senhor (Rm 10:9), já que essa é uma condição para ser salvo. Não foram somente os apóstolos a confessar publicamente, pois esse é um dever de todo discípulo. E a prisão do apóstolo Paulo estimulou “a maioria dos irmãos” a “[...] falar com mais desassombro a palavra de Deus”. (Fp 1:14).

A Igreja é conclamada a proclamar a Cristo como Senhor, da mesma maneira como Paulo admitiu o senhorio de Cristo e reconheceu que “[...] todo joelho deve se dobrar ante o nome de Jesus, e toda língua deve confessar o Seu senhorio”. (Fp 2:10, 11). A igreja que já participa da nova criação e está sob o senhorio de Cristo deve ser o instrumento para difusão deste novo Reino, uma vez que o Espírito de Cristo a vocaciona e a capacita para realizar essa tarefa (PROENÇA, 2001, p. 92.). Ao confessar

Cristo como Senhor, a Igreja reconhece que Ele é o Senhor do mundo, obrigando os membros em direção à missão, testemunhando e confessando a Cristo como Senhor e Salvador.

Enfim, o ministério da Palavra é uma atividade para toda a Igreja, para discípulos comuns. Não requer um chamado especial, nem talentos especiais. Ficar calado não é uma opção: “A graça de Deus não habitará por muito tempo na alma daqueles que, tendo grandes privilégios e oportunidades, permanecem silenciosos”. (WHITE, [...] concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra”. (At 4:29). A proclamação dessa verdade é a marca da Igreja missionária, da qual não pode abrir mão, como enfatiza o apóstolo Paulo: “[...] ai de mim se não pregar o evangelho”. (1Co 9:16).

Considerações finais

A razão da existência de uma missão da Igreja é que pessoas sejam salvas nela e por meio dela, para a glória do Pai. Neste artigo, ficou evidenciado que a igreja é o ambiente por via do qual o evangelho é compartilhado, e onde o crescimento cristão é alimentado pelo *testemunho*, pela *adoração*, pelo *pastoreio*, pelo *serviço*, pelo *compartilhamento*, pelo *ensino*, e pela *proclamação* do evangelho.

A Igreja que cumpre sua missão integral busca a plenitude nas variadas dimensões que a compõem, exprimindo sua fé e testemunhando mediante sua conduta, perseverança, cuidado, serviço, comunhão, compreensão da Palavra e pregação do Evangelho.

Referências Bibliográficas

BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. IV. São Paulo: Vida Nova, 1983.

CALVALCANTI, Robinson. *A igreja, o país e o mundo: desafios a uma fé engajada*. Viçosa: Ultimato, 2000.

COSTAS, Orlando E. Dimensões do Crescimento Integral da Igreja. In: STEUERNAGEL,

Valdir Raul (org.). *A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão Editorial, 1994.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: grego, português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

KITTEL, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Vol. 2. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

MCGRATH, Alister. *Christianity's Dangerous Idea*. New York: HarperCollins, 2007.

PROENÇA, Wander de L. *Cruz e ressurreição: a identidade de Jesus para os nossos dias*. Londrina: Descoberta Editora, 2001.

STOTT, John R. *A mensagem de Atos*. São Paulo: ABU Editora, 1990.

WHITE, Ellen G. *Atos dos apóstolos*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. *Conselhos sobre a escola sabatina*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. *Mensagens aos jovens*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

_____. *Obreiros evangélicos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

_____. WHITE, Helen. *Serviço cristão*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

**Prof. Dr. Érico Tadeu Xavier*

Doutor em Teologia, professor do SALT/IAP e professor visitante do curso de pós-graduação do UNASP.

***Prof. Ms. Isaac Malheiros*

Mestre e Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS, professor do SALT/IAP.